

*Figura 29 - Felipe Serpa (orientador de Wilson e Fabim) na instalação da SBPC, 2000
Foto: Fabio Giorgio Azevedo*

O SiribãoCapinha e o estágio no Calabar foram práticas que compuseram o currículo estabelecido através das regiões mais flexíveis deste (projeto de extensão e estágios curriculares). São exatamente regiões do currículo onde o estudante pode ter a possibilidade de aliar o seu desejo com aquilo exigido pelas normas curriculares, desde de que saiba fazê-lo. Na trajetória dos comungos, isso foi facilmente conseguido por dois motivos: pelo fato de fazerem esses movimentos de forma coletiva e por terem um professor no grupo que podia fazer a mediação entre os estudantes e a burocracia universitária. Esta “inteligência institucional” – de aprumar o desejo teórico-prático com a exigência acadêmica dos créditos a serem cumpridos e conhecer os caminhos para realizar tal empreitada – é algo que muitas vezes só acontece (e quando acontece) na reta final do curso, quando o estudante já tem todo um aprendizado das regras do jogo acadêmico. Como seria, então, uma universidade onde essa inteligência fosse estimulada desde a entrada do estudante no curso? Talvez essa tenha sido uma das questões colocadas pelo educador Felipe Serpa quando pensou no *Universitas*, como um espaço no qual os estudantes eram quem mobilizavam os professores. “O *Universitas* seria formado pelo conjunto dos estudos e projetos estudantis, constituindo-se em uma Oficina, coordenada pelos estudantes, onde para cada estudo

ou projeto, o estudante ou grupo de estudantes convidaria um professor pra ser interlocutor” (SERPA, F., 2004, p. 217).

Enfim. O término do estágio no Calabar e o final da primeira versão do SiribãoCapinha coincidem com o período de fim de curso para os comungos onde, normalmente, os estudantes colocam-se a clássica pergunta existencial: “o que eu vou fazer da vida? Vou trabalhar em quê mesmo?”.

[...] nessa época já começamos a nos tratar como os comungos, né? Léo Gordo com aquela história de “malungos”, junto com comunitário vira “comungos”, pelos e-mails, enfim... E aí rolou os comungos e tal, que era legal porque a gente se chamava não de uma forma ostensiva: “ah, somos os comungos”! Não era bem isso, era uma coisa bem natural. Não era uma nomenclatura necessariamente de um grupo que tinha uma circunscrição excessiva, mas um nome furtivo acima de tudo (Informação verbal).

Ocorre, então, entre os comungos um fenômeno semelhante àquele descrito pelo professor Challenger, aquele que “fez a Terra berrar de dor como uma máquina dolorífera”, como sendo a “estratificação” do corpo da Terra, “um fenômeno importante, inevitável, benéfico, sobre certos aspectos, lamentável sobre outros” (DELEUZE, G; GUATTARI, F., 1995a, p.53-54).

Antes era algumas pessoas que trabalhavam juntas. Por exemplo, me lembro que teve uma greve e que teve uma discussão sobre a segurança dentro da UFBA. Aí, se destacaram Viviane, Marcela e outras pessoas que tavam mais atuantes dentro daquela discussão, entendeu?, junto com o movimento estudantil também e tal. A gente chega no Calabar sem esse nome também. [...]. E aí eu cheguei também através de uma disciplina de Psicologia do Desenvolvimento. Fui lá pra creche do Calabar, depois fui pra Escola do Calabar também, com esse movimento da faculdade. Mas, já integrado com esse outro grupo [os comungos] que já tava trazendo uma outra relação com o pessoal lá do Calabar. Então, até esse momento, a gente tava iniciando uma intervenção propriamente dita, porque a gente já participava dos eventos, já construía eventos dentro da escola. Surgiu primeiro o nome [comungos], aí tempos depois que vem a formalização, a criação da associação, que é um outro divisor de águas. (Leozim)

Os comungos se fortaleceram por terem criado uma formação de maneira coletiva, por terem reinventado um currículo num espaço liso que se fazia graças aos espaços estriados do currículo formal: os encontros fortuitos, os bares, as casas, a visitação as comunidades... Agora o espaço constituído através dos estágios e dos projetos de extensão, a fim de continuar a perdurar

na existência, sofre a necessidade de uma estratificação. O agenciamento múltiplo furtivamente denominado de “os comungos”, como se chamavam internamente esses estudantes, conservava-se juntamente com um novo fenômeno estratificante – similar àquele descrito pelo professor Challenger. Este fenômeno começava a se esboçar e fazia o nome, que carregava em si a multiplicidade, tender para uma unicidade. Agora não era só **os comungos**, mas também **A Comungos**. Com a constituição do grupo como uma *associação da sociedade civil sem fins lucrativos* (ONG), o “nome furtivo” ganha o estatuto de um nome próprio remetendo-o a uma circunscrição bem definida e a um ideal compartilhado por quase todos.

vera tinha sugerido comungo, que dá uma boa contagem numérica e não lembra camundongos [:-)]. diz aih vera!

daniela sugere aceitarmos a sugestão de vera: comungo. diz aih dani!

marcela acha melhor comungos - diz aih belatrix!

eu acho comungos mais familiar, além do que sai da primeira pessoa (eu comungo) para um coletivo oblíquo. tah dito!

beijos,

fabio (Trecho de email. FABIM, *nome da ong!*, 24 de dezembro de 2000)

Gostei de comungo. O sentido pode ir por outros lados também. Comungo pode ser uma comunhão de idéias, pessoas, ações. [...] Tenho dito.

Beijos

Dani (Trecho de email. DANIELA, *Re: nome da ong!*, 25 de dezembro de 2000)

RAPSÓDIA IV

A CRIAÇÃO DA *COMUNGOS* – *CONEXÕES COMUNITÁRIAS*: O
PERÍODO PÓS-UNIVERSITÁRIO DA FORMAÇÃO

4.1 O Surgimento da *Comungos* – conexões comunitárias: um agenciamento de transição entre a universidade e o mercado de trabalho

Levando em conta a necessidade da entrada no mercado de trabalho e o desejo de manter as atividades que estavam sendo realizadas, a criação da ONG foi vista por alguns como sendo inevitável e óbvio. Ela ocorreu, segundo Fabão, devido a...

a necessidade de um dispositivo institucional pra viabilizar o trabalho, porque a gente fazia tudo voluntariamente. Não que isso fosse ruim, mas estávamos todos formados e o dispositivo mais consistente, mais operativo pra nos bancarmos enquanto operadores sociais era uma ongue. Não estávamos muito a fim de pulverizar o grupo e cada um entrar numa ONG ou partir pra um trabalho com outras histórias, já que tínhamos uma história em comum. Tínhamos uma experiência compartilhada, tínhamos uma linguagem em comum, tínhamos leitura em comum, tínhamos afinidades, tínhamos dissonâncias também, mas elas, no processo todo... Elas eram também enriquecedoras, não eram suruptoras [?]. Então, a ONG veio como esse dispositivo, pra viabilizar realmente o trabalho profissional na área social, a meu ver foi essa a razão principal (Informação verbal).

Marcela conta assim esse momento inicial:

Eu acho que a criação da Comungos tinha muito isso: a gente não queria que fosse uma coisa exterior, uma estrutura exterior a nós, uma coisa que fosse instrumental. Era exatamente o que a gente era. Não queria ser um corte ali para virar uma outra história. [...] A Comungos surge nesse bojo aí, dessa tensão aí: formando, continuidade dos trabalhos, ligação com a universidade, manter o grupo, criar um sentido para o grupo se manter. [...] Eu acho que [a criação da ONG] era inevitável. Nesse sentido eu acho ... [risos]. Hoje, a gente pode até achar assim... pode ter uma releitura da história... Antes, eu acho que era a idéia mais perfeita do mundo, a coisa mais fantástica que a gente pensou. [...] Idéia perfeita! Era o que dava cabo de todas as nossas inquietações. Era o que fazia a gente feliz. Eu me lembro que a gente passou um ano que não tinha hora, entendeu? Não tinha hora, não tinha limite nenhum para os nossos pensamentos, para o que a gente queria. Era loucura total. Era, de domingo a domingo, envolvimento cem por cento naquilo ali, naquela história. [...] A gente não se esperneou muito não para criar a Comungos. Eu acho que foi uma coisa meio óbvia mesmo. Quase uma coisa assim... “vamos?” Todo mundo matilha, se olha e vamos! Nem se questiona muito, porque o desejo de fazer perdurar uma história aqui rolou aqui e todo mundo topou (Informação verbal).

Surge, assim, a *Comungos – conexões comunitárias* como uma organização imbricada com as existências, com os desejos e com as utopias de seus integrantes. A Comungos nasce assentada num *território existencial*, imbricada a ele a tal ponto de perceber a organização como fazendo parte do próprio ser. “A gente não queria que fosse uma coisa exterior, uma estrutura exterior a nós, uma coisa que fosse instrumental. Era exatamente o que a gente era.” Nesse sentido, a Comungos foi uma tentativa de criar uma organização na qual a lógica do mercado fosse expurgada, um lugar onde fosse possível um outro tipo de relação com o trabalho, com as pessoas... e tentando manter a mesma “amabilidade de viagem” que caracterizou o processo formativo no período acadêmico. No entanto, a necessidade da criação de um dispositivo organizacional que possibilitasse o acesso aos recursos das agências financiadoras e sustentasse financeiramente os seus membros, aponta para uma contradição na própria empreitada. Uma contradição, porém, que não invalida a experiência. Muito pelo contrário. Exatamente por tentar se localizar num lugar quase utópico, entre a tentativa de perpetuar o grupo e o diálogo com o mercado de trabalho, a Comungos pode ter sido uma grande empreitada.

A necessidade de um dispositivo organizativo para dar continuidade às ações teve, no período de sua legalização, um duplo efeito no grupo: enquanto alguns aproximaram-se, outros afastaram-se. A maioria justifica o seu afastamento por uma proeminente necessidade de garantir a sobrevivência, não vendo a Comungos como uma possibilidade para isso. Juntamente com a necessidade de sobreviver, a fala daqueles que se afastaram do grupo, nesse período, traz a sensação de um “desconforto” inerente ao processo grupal. A convivência, na época, era muito intensa. “Não tinha hora, não tinha limite nenhum para os nossos pensamentos, para o que a gente queria (...). Era de domingo a domingo envolvimento cem por cento naquilo ali, naquela história”. Se a criação da ONG era inevitável e óbvio para uns, não o era para outros. Ivan assim se lembra desse tempo:

Eu lembro assim desse período [...] que eu fiquei até mesmo sem vê muito a galera. E assim, quando Fabão me chamou, em outro momento, vocês já estavam com Denise discutindo a história da ONG de uma forma mais... Assim, ele perguntou: “a gente tá com a idéia de uma ONG. Você não está a fim de ir pra reunião”? Eu digo: “pô, ONG por enquanto eu não tô a fim”. Assim... pra mim, estava claro, naquele momento, que eu não estava a fim de protagonizar nenhum tipo de formalização assim de... de... de... [...]. Eu ia precisar estar estudando, me voltando pra poder garantir meu emprego ali, naquele momento. Então era o que pra mim era

imprescindível. Não tinha como contar com ajuda familiar. Então isso são coisas muito pessoais que interferem diretamente. Durante a minha formação, vários momentos, eu deixei de fazer coisas que eu gostaria mais de ter feito, muito pela questão financeira. Conviver com essa insegurança da grana daquele mês ser a grana que me manteria... [...] Assim era o receio. Num sei. Acho que administrar um... um... Eu gosto um pouco dessa sensação de... de... que é meio foda. Quando você está trabalhando pra algumas instituições, de você não ser dono daquilo, assim de propriedade material ou capital... Mas eu gosto um pouco dessa sensação de não ter que me comprometer com uma coisa por mais tempo assim. [...] Eu gosto da sensação de que se amanhã, eu quiser me picar, eu posso me picar. Mesmo que eu não me pique, mas assim eu gosto de ter isso, certo? E eu acho que tem um pouco a ver com isso, antes da Tecer [uma outra ONG], eu e uns amigos a gente teve uma... Eu saí da Escola Técnica, a gente já teve um negócio. Cinco amigos, também, e já foi a primeira experiência. Não era ONG, mas a gente trabalhava fazendo projetos na área de construção, mas já foi uma primeira experiência de administrar com amigos. Não foi muito legal não. Acho que passam um pouco por essas coisas, né? (Informação verbal)

Fabão...

Eu confesso que sempre fui um pouco, apesar de toda essa felicidade de estar me sentindo dentro de um grupo que envolvia várias das minhas questões efetivas, mas eu sempre fui muito só. Eu sempre fui um pouco Oxossi. [...] Sempre fui assim na verdade, desde os tempos de escola também, até no teatro também eu sempre tive uma postura mais reservada, com reflexões e com minhas inquietações que eram incompartilháveis também. Muitas coisas eram compartilhadas, mas outras eram absolutamente idiossincráticas. Tem questões que são muito particulares, quase incomunicáveis a não ser através da escrita, de alguma reinvenção, e nessa época também isso se manifestava. Então, mesmo ligado ao grupo em psicologia social, principalmente, eu tinha uma reserva que não era em relação ao grupo ou ao que se falava, a proposta de trabalho, mas a princípio era uma coisa muito particular de ser um pouco cauteloso também com aquilo com que eu tô me envolvendo, isso é uma característica que até hoje eu tenho e acho que nunca vou deixar de ter (Informação verbal).

Oxossi, o caçador solitário, representa na mitologia do candomblé uma das formas mais antigas de sobrevivência: o arquétipo da caça em detrimento da agricultura. Se o primeiro estaria mais vinculado à liberdade e à instabilidade do caçador, o segundo remeteria ao gregarismo e a segurança da constituição de espaços de trabalho em comum do agricultor. Oxossi prefere mais os caminhos traçados pelas árvores – que podem ser escolhidos ao seu bel-prazer – do que os

caminhos traçados de antemão pelas cabanas da aldeia. Porém, ele não abre mão do convívio social cuja caça se destina. É que a história da vida humana é um paradoxo, como coloca Bauman, entre a liberdade proporcionada pela solidão e a segurança proporcionada pela comunidade.

A promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale à escravidão (e, além disso, sem uma injeção de liberdade, acaba por ser afinal um tipo muito inseguro de segurança); e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado (e, no limite, sem uma injeção de segurança, acaba por ser uma liberdade muito pouco livre). Essa circunstância provoca nos filósofos uma dor de cabeça sem cura conhecida. Ela também torna a vida em comum um conflito sem fim, pois à segurança sacrificada em nome da liberdade tende a ser a segurança dos *outros*; e a liberdade sacrificada em nome da segurança tende a ser a liberdade dos *outros* (BAUMAN, Z., 2003, p. 24).

Os comungos continuavam a odisséia formativa tentando conciliar o inconciliável: a segurança e a liberdade. As motivações que levaram a constituição da pessoa jurídica apontam, de certa forma, para esse paradoxo: a tentativa de perdurar uma “história em comum”, sentir-se seguros, e ao mesmo “continuar a ser o que a gente era”, sentir-se livre. O afastamento de algumas pessoas, também aponta para este momento crucial da formação, um momento “divisor de águas”, como qualificou Leozim, onde o seguir enquanto grupo já colocava a tensão entre o sacrifício da liberdade e o sacrifício da segurança.

A freqüentação despropositada daqueles que estavam se afastando, bem como a informalidade e o despojamento das reuniões, permaneceriam ainda por um bom tempo. Isto acontecia pois o *télos* grupal continuava a se fazer através de elementos culturais – música, literatura, filosofia, conversas – que era o pano de fundo onde a organização começava a se constituir.

O que nos zune? Pois reparando um pouco, se queremos falar desse "nós" que usamos, [...] podemos ver que, em nosso caso, ele é preenchido por ações contíguas, parecidas, concernentes, enfim, que parecem ter "um certo ar de família" (no dizer de Old Witt) - por mais longe que cada um desse "nós" vá ou resida, conheçam-se as pessoas pessoalmente ou não. [...] São pessoas que lêem coisas "mais próximas do que todo interior, mais distantes do que todo exterior", ou seja, que têm (total, alguma) concernência (ligeira, episódica, circunstancial ou profunda: Guimarães Rosa, agora), ouvem coisas (Tom Zé, agora), comentam coisas (a questão etnometodológica, agora), comem coisas parecidas (o cuscuz de Wallace - êpa!), viajam juntos, inclusive em sentido literal (o Capão, Siribinha agora)... (Trecho de e-mail. FABIM, *quem somo na page*, 03 de abril de 2001).

Lembro-me da primeira vez em que cheguei em uma reunião da Comungos. Bati na porta de uma casa em Amaralina, Leozão abriu e me guiou até a parte de cima da sua casa, uma espécie de laje inundada por uma forte brisa que vinha do mar. Lá, em baixo de um céu estrelado, um grupo de jovens tocava violão, tomava cerveja e jogava conversas soltas. Wallace disse em relação a esse mesmo dia:

Engraçado que nesse momento a galera já tinha um certo traço, que eles carregavam, sabe?, assim, na forma de se cumprimentar, por exemplo, que era uma coisa que fiquei olhando. Tinha muito sentimento da galera, entendeu? Parecia que era uma coisa que já existia. (Informação verbal)

Puxei um pedaço de tronco de árvore e adentrei-me no círculo, percebi que – no meio da descontração da conversa – assuntos importantes estavam sendo tratados: projetos, informes de campo, afazeres... O papo era harmonizado pelos acordes de um violão melodiando as vozes e pelo ritmo retirado pelas mãos nos engradados de cerveja. Daqui a pouco, Leozim, meu colega de turma, chegou com um papel esvoaçante na mão e gritou: “agora somos o número 04.487.590/0001-80 nas gavetinhas do Estado”. Era o cnpj da Comungos. O primeiro dia de formalização da *Comungos – conexões comunitárias* viria a ser o primeiro dia no qual eu passei a frequentar as reuniões.

Antes, eu estava estagiando com um grupo de Psicologia Escolar, coordenado por Sônia Sampaio, que atuava na Fundação Cidade Mãe e em uma escola no Pelourinho: a Escola Mestre Pastinha. Tinha um pessoal interessante e socialmente engajado: Ana Oliva, Maíra D’Oliveira, Marília Hughes, Renata Camarotti, Alexandre Santa Ritta, Catarina Vila Nova, Fernanda Pondé e Soraia Araújo. Era uma galera que foi contemporânea da Comungos, mas que não se misturavam muito apesar de trabalharem com referenciais teóricos bem parecidos (etnografia, etnometodologia etc..). Entre nós, a Comungos era muito comentada como uma referência no trabalho comunitário, principalmente pelas densas discussões teóricas que aconteciam. Depois de um bom tempo trabalhando por lá, eu e Marília chegamos a conversar entre nós sobre a possibilidade de fundarmos uma cooperativa junto com o grupo, porque já que íamos todos nos formar e, na época, achávamos que juntar pessoas que pensavam/praticavam uma psicologia mais voltada para o social poderia operar alguma transformação na realidade soteropolitana. Porém, parecia que o resto do grupo não estava muito a fim disso. O meu corpo queria uma proposta

mais coletiva de atuação, já que íamos nos desvincular da universidade e o grupo poderia dispersar (isso, na verdade, nunca aconteceu).

Lembro de um daqueles dias quentes, do lado de fora do restaurante da Politécnica, ao burburinho de estudantes almoçando e ao ranger dos bambus que ao longe se atritavam, lembro-me de falar pra Marília: “acho que o pessoal não está a fim de encampar um projeto coletivo, acho que vou ver como é que é o pessoal da Comungos. Parece que eles estão fundando uma ONG e o papo do pessoal parece ser interessante. Vou dar um pulo na reunião deles. Para ver o que é que rola”. Neste período, eu também tinha acabado de terminar o namoro com uma garota que também fazia parte do grupo de Psicologia Escolar. Eu estava procurando uma outra galera para me enturmar. Foi assim que eu fui ficando pela Comungos.

Enquanto uns se afastavam, outros chegavam e os que permaneciam se agregavam ainda mais. Daqui a diante, a Comungos foi um “núcleo duro”, tal como chamávamos, que envolveu Marcela, Fabim, Daniela, Viviane, Wallace, Leozim, eu e Wilson. Este último sempre acompanhava os processos organizativos de uma certa distância, animando o grupo através dos e-mails que constantemente enviava. Esse núcleo produziu uma espécie de “eletrosfera” onde circulavam pessoas que mantinham graus de distância em relação ao “centro”, freqüentando alguns encontros abertos e compondo conosco em atividades específicas. Foi assim que o crivo entre os *comungos* e os *comungos d'A Comungos* se manteria ao longo de todo o percurso.

Se antes a comungos era um nome furtivo, de agora em diante toda a empreitada tenderia para tentar delimitar uma definição para o nome que revelava uma preocupação de inserção no mercado de trabalho, como consta nesta definição da ongue encontrada em um projeto elaborado para o edital da Petrobrás Social em 2001.

A COMUNGOS – Conexões Comunitárias é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, que através da elaboração e execução de projetos sociais, visa o fortalecimento das relações comunitárias e a autonomia relativa de comunidades. A COMUNGOS é constituída por profissionais graduados em psicologia, com formação na área social e ênfase em metodologias participativas. Atualmente tem feito parcerias com profissionais de outras áreas para se afinar com a complexidade das experiências com as quais lida em seus trabalhos. É o caso, por exemplo, da formação de uma equipe mista de psicólogos, ecóloga e biólogos para atuar em comunidades pesqueiras tradicionais do litoral norte da Bahia. Desde outubro de 2000, a organização também conta com um fotógrafo e designer gráfico em seu corpo técnico, tendo realizado exposições de cunho

etnográfico, resultante dos registros de imagens dos trabalhos de pesquisa-ação com diversas comunidades (COMUNGOS, 2001).

Paralelo a esta criação de uma auto-imagem como profissionais do terceiro setor, encontramos uma outra definição numa troca de e-mails interna (e, por isso mais íntima) que data de um período próximo ao anterior. Neste texto, a tentativa de construção da auto-imagem está menos ligada ao mercado de trabalho do que ao aspecto metodológico (ao saber-fazer) do grupo desenvolvidos nas experiências de estágios e no *SiribãoCapinha*.

A Comungos - Conexões Comunitárias é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, que tem como objetivo a elaboração e execução de projetos sociais destinados a atividades favoráveis à potencialização e autonomia de comunidades. A partir de uma escuta sensível e contextualizada mapeamos os interesses de uma comunidade e, caso sejam compartilhados por nós, iniciamos um trabalho conjunto de articulação, nos mais diversos níveis (global e local, formal e informal), para a realização dos objetivos comuns que criamos. Um dos principais fins da Comungos é um tratamento ativo para as questões que se apresentam, na forma de constituir entre todos uma atitude propositiva e autônoma no levantamento de problemas; tomadas de decisões; produção, busca e divulgação de informações. (*aqui entra mais coisas, mas pra dar um caráter básico, geral*). Sempre consideramos de suma importância a maneira como chegamos à comunidade. Chegar "por baixo", sem fazer alarde, devagar, procurando "escutar" o ritmo da comunidade, seu próprio tempo. Em nosso trabalho estamos atentos à complexidade das questões que nos colocamos junto com a comunidade, como todas as questões estão conectadas umas às outras, e se determinam mutuamente. Portanto, as ações não podem ser isoladas. Formam uma teia. É necessário vislumbrar essa teia problemática, perceber como funciona, e atuar nos mais diferentes pontos dessa teia, numa atitude integrada e às vezes simultânea. É fundamental ressaltar que o trabalho diz respeito a uma composição, isto é, a um esforço conjunto com a comunidade, tanto para o levantamento de problemas quanto para a busca de oportunidades e com isso procuramos afastar idéias inadequadas que possam sugerir assistencialismo, filantropia ou cura de problemas (Trecho de e-mail. FABIM, *Re: carta de apresentação*, 7 de abril de 2001).

Toda a experimentação nas comunidades, bem como todo o saber daí adquirido passa a compor a natureza da ongue. “A duração é o próprio contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar. Uma vez que o passado aumenta incessantemente, também se conserva indefinidamente” (BERGSON, H., 2005, p. 5)

Todo esse saber-comunitário, no entanto, não ficaria apenas na relação do grupo com as comunidades tradicionais (Siribinha e Capão), mas também seria um mote de experimentação interno aos comungos.

4.2 A Casa da Fonte: a mistura entre o coletivo e o individual

Fim do ano de 2001. Com a ONG já constituída, o *Projeto Circuitos e Cidadania*, o primeiro projeto extra-acadêmico, foi selecionado para participar do *Programa Capacitação Solidária* do Governo Federal. Com o dinheiro da taxa de administração em mãos, vislumbramos a possibilidade de alugar uma sede, já que os encontros que vinham acontecendo nos bares da cidade e nas residências de alguns de nossos pais estavam limitando as ações que queríamos realizar. Coincidentemente, eu, Marcela e Wallace estávamos saindo das casas de nossos pais. Numa reunião na casa de Dona Carmem, mãe de Viviane, decidimos que alugaríamos uma casa onde fosse possível morar nós três e ainda abrigar a sede da Comungos.

Numa manhã de quarta-feira, Leozim me liga, dizendo que achou uma casa meio velha e um pouco escura, na Ladeira da Fonte, mas que serviria, achava ele, para os nossos propósitos. Na mesma hora, fui ver a casa com Daniela e Marcela. Passamos para pegar a chave na mão da dona e descemos a ladeira íngreme, a mesma que vai dar na Concha Acústica. Era uma casinha amarela, com um portãozinho de ferro pintando de branco. Pulamos o portãozinho, por não termos conseguido desfazer a amarração de arame que o mantinha fechado. Abrimos com dificuldade a porta pois a fechadura tinha um jeito todo peculiar de manusear. Enquanto a madeira rangia, sob os velhos tacos, avistamos um longo corredor coberto pela escuridão. Logo do lado esquerdo, havia um acesso para um pequeno quarto. Acendemos a luz e vimos que ele poderia ser razoavelmente habitado. Nele, eu dormiria nos próximos dois anos de minha vida. O corredor avançava. Descemos um lance de três degraus de escada e do lado esquerdo havia um outro quarto que dividia uma parede com a sala. Este viria a ser o quarto de Marcela. A cozinha era uma extensão da sala que avançava para um espaço só seu. O banheiro ficava do lado de fora, onde tínhamos que seguir um pequenino avarandado para chegar até ele. Ao olhar para baixo, avistamos ainda um outro andar, uma espécie de porão em cujo chão de terra alguns matinhos insistiam em nascer. Não tínhamos aberto ainda uma outra porta entre as duas primeiramente vistas. Era uma porta vermelha afogada pelos *seres do tempo* - os cupins, que dava acesso a uma escada para cima cujas quinas dos degraus, alisadas e arredondas por pés ao longo de anos, reluziam uma atmosfera onírica. A escada era íngreme e de difícil equilíbrio. Ao chegar em cima, um vasto sótão que cobria metade da casa se abriu... Seria um espaço razoável para abrigar as

nossas reuniões e eventos abertos de pequeno porte. Seria nele, também, que Wallace passaria um tempo até arrumar uma outra casa. Disse:

Desejo coletivo de ter uma sede pra Comungos, desejos individuais de sair de casa. Potenciais de trabalho, idéias. Na verdade, para mim, ter entrado na Comungos foi uma coisa... Eu achava que nunca mais iria acontecer isso, que na minha vida não iria ter nada que fizesse sentido melhor para minha existência (Informação verbal).

Alugada a casa, enviamos o seguinte e-mail.

Caros amigos,

Alugamos uma casa na Ladeira da Fonte, no Campo Grande, onde passaremos a utilizar como espaço de encontros da "COMUNGOS - conexões comunitárias" para que nossos trabalhos possam fluir com velocidade. Estamos num momento muito legal de sincronização de corpos com intuito de intensificar, organizar e auto-sustentar nossas práticas, e essa casa implica a atualização desse tempo. Com o projeto (o primeiro extra-acadêmico) que estamos realizando no Calabar e Alto das Pombas, financiado pelo Programa Capacitação Solidária (PCS), pagaremos o aluguel (fizemos contrato de seis meses). As despesas diárias serão rateadas entre os componentes da Comungos. No entanto, a infra pra que a casa se torne habitada, pois alguns de nós estaremos por lá tempo integral [leia-se: morando], ainda está sendo viabilizada. E uma das formas que achamos de criar as condições para ocupação do espaço foi convidar os velhos comparsas para uma "feijoadade casa nova"! Os presentes que sugerimos (a lista encontra-se abaixo) dizem respeito ao mínimo necessário, e estão sendo recebidos como uma espécie de doação por uma bela causa: o funcionamento presente de uma organização de futuro! Pedimos que quando você decidir sobre seu presente entre em contato conosco o mais rápido possível, para atualizarmos nossa lista, por e-mail ou pelo telefone 3X4 XX X2 (Fábio), ou ainda 9XX2 X9 X3 (Viviane). Aos comparsas, um brinde! (Trecho de email. COMUNGOS, !C O N V I T E, , 4 de outubro de 2001) .



Figura 30 - Frente da "Casa da Fonte"
Foto: Marcelo Matos



Figura 31 - O Sóton
Foto: Marcelo Matos

Mais uma vez, o jogo é jogado na existência. Ao mesmo tempo em que o *território existencial* se consolidava para além da universidade – possibilitando a experimentação e a produção de sentidos – um lado organizacional, formal, possibilitava o estar-junto através do trabalho e da busca em sustentar as ações e a própria vida. A *Casa da Fonte*, como assim chamávamos a nossa casa-sede, foi a construção de um centro, de um território onde a força do caos era espantada — um ponto organizador no qual quase toda a dispersão era expurgada, como o próprio nome “casa” evoca. Dentro desse espaço, o coletivo e o individual, o público e o privado e o lazer-trabalho, ou lazeralho com costumávamos dizer, se imiscuíam de tal forma que era quase impossível distinguir um do outro.

Na relação com o “fora”, isso gerava um desconforto em nós, principalmente quando íamos falar de nosso espaço para outras pessoas (integrantes de outras ONGs, financiadores etc). De certa forma, esse desconforto reverbera no e-mail acima onde a palavra “tempo integral” substitui “morar”.

A construção de um espaço onde funcionava ao mesmo tempo uma *casa* (arquétipo do espaço privado) e uma *sede* (arquétipo do espaço público) revelava também uma precariedade que parecia fazer parte da própria natureza da organização da ongue. No entanto, não era bem assim. A precariedade, a qual achávamos referir-se apenas a Comungos, era – na verdade – uma característica de uma miríade de pequenas ongues espalhadas pelo país inteiro. Isso acontece desde o tempo em que ongue virou identidade de grupos ligados ao movimento popular no Brasil, como ilustra uma nota explicativa de um relatório de 1992 da Mater Natura/World Wildlife Found (WWF), quando aconteceu o boom das ONGs: “esclarecemos que nem todas as ONGs possuem sede a telefone. Por vezes os dados indicados referem-se à residência ou ao local de trabalho de associados” (WWF *apud* LANDIN, L., p. 42, nota de rodapé). O que achávamos que era uma idiossincrasia nossa era quase uma condição do setor que estávamos inseridos.



Figura 32 - Logotipo da Comungos
Desenho Gráfico: Wallace Nogueira

Tudo dentro da casa era precário e transitório tal como o próprio agenciamento-Comungos que era uma transição entre o mundo universitário e o mundo do mercado de trabalho. Wilson vê assim o processo dos comungos:

Eu acho que a Comungos é interessante, justamente, porque ela manteve, soube criar um lugar que não era nem profissional - como muita gente envereda precocemente, desde a faculdade: já bota a gravatinha, já começa a falar duro e tal como quem sabe. Tem todo um jogo de fachada e tudo, a vender seu peixe, num sei o quê... E [a Comungos] nunca envergou nessa atitude radicalmente e também não caiu na pura dispersão, né? Manteve ali uma formação, em partes estudo, em partes experiência, em parte amizade. É... conversa solta, entretenimento, viagens e tudo mais, né? Acho que isso desempenhou um papel também. Teria que pensar a Comungos pelo menos em três dimensões sobre essa coisa: nunca foi negócio, mas também nunca deixou de ser; nunca foi só amizade, mas também nunca deixou de ser; nunca foi formação, estudo, nem tudo, mas também nunca deixou de ser, né? Nunca uma única coisa. Um pouco de cada e tal... [...] “Mas peraí, vocês eram um grupo de amigos?” “Mais ou menos”. “Eram uma instituição?”. “Mais ou menos”. “Tinha registro?” “Tinha mas até hoje estamos discutindo se fecha ou não fecha”. [risos] “Pô, é isso a Comungos”. É tudo meio precário. É engraçado que essa precariedade se estendia lá pelos objetos... (Informação verbal)

... estendia-se à casa velha remendada de tijolos de adobe, às paredes cuja tinta saltava nas roupas de quem se encostasse nelas, nos móveis feitos de madeiras recicladas, nas cadeiras que exigiam o maior cuidado para sentar e o monitor do computador que suspenso ficava embaixo da armengada prateleira de livros da sala.



*Figura 33 - Fabim e Wallace na sala, 2002
Foto: Flávia Bonfim*



*Figura 34 - Wallace e o seu cuscuz na cozinha, 2002
Foto: Flávia Bonfim*



*Figura 35 - Momentos antes de uma reunião, 2002: Viviane, Marcela (de costas) e Anselmo
Foto: Fabio Giorgio*



*Figura 36 - Wilson e eu selecionando fotos no computador, 2003
Foto: Fabio Giorgio*

Com o aluguel da casa-sede, os encontros tornaram-se mais freqüentes e o grupo se abriu para outras pessoas que passaram a freqüentar a Comungos tanto em eventos específicos ou de maneira aleatória, já que a sede ficava próxima ao Centro da Cidade. Sempre apareciam conhecidos, e desconhecidos, para fazer uma visita. Eram pessoas, em sua grande maioria, recém profissionais da área social (educadores, oficinairos, consultores, coordenadores de projetos sociais, psicólogos sociais, psicólogos educacionais) ou artistas (músicos, atores e diretores de teatro, fotógrafos, videomakers, dançarinos etc...) que passaram a encontrar na Comungos um lugar de compartilhamento de experiências.

Aquele espaço acabou funcionando, principalmente para os comungos, como uma *formação continuada*. As discussões teóricas aconteciam a partir dos projetos que estávamos executando e elaborando para captação de recursos, bem como a partir das atividades de nossos companheiros de trabalhos que por lá apareciam para compartilhar experiências. Tais discussões aconteciam também por e-mails e envolviam pessoas que não mais residiam em Salvador, ao exemplo de Anselmo em Brumado, Joacy em Fortaleza e Carlim na Suíça.

Todos esses encontros acabaram produzindo uma espécie de cultura grupal de modo que atualmente, como eu disse na entrevista com Wallace...

se você reparar... você chega na minha biblioteca, você chega na biblioteca de Fabim, chega na sua... você vai encontrar vários livros parecidos... Dá para sacar uma linhagem de leitura que perpassou tudo. A biblioteca de Wallace... As músicas que você ouve, provavelmente eu vou gostar de várias... vários CD's seus. Filmes a mesma coisa. Se eu for ver os filmes que você gosta, não é? Tem uma formação em termo de literatura, em termo de cinema, em termo de filosofia, de psicologia, de frequentação em determinados autores que criou uma cultura formativa (Informação verbal).



*Figura 37 - Elaboração Coletiva de um projeto: Wilson (contra-luz) e Rafael do Atuar (ao lado esquerdo de Wilson), 2000
Foto: Marcelo Matos*



*Figura 38 - Elaboração Coletiva de um projeto (2): (da esquerda para a direita) Edgar Oliva, Márcio Boot, Daniela, Leozão e Fabim, 2000
Foto: Marcelo Matos*



*Figura 39 - Conversa solta no porão da Comungos, 2002
Foto: Marcelo Matos*



*Figura 40 - Fazendo som no sótão: (da esquerda para a direita) Leozim, Carlim (re-visitando o Brasil) e Leozão,
2002
Foto: Wallace Nogueira*



*Figura 41 - Wilson e Daniel Lins, 2003
Foto: Fabio Giorgio Azevedo*

Ao mesmo tempo em que a formação comunga ia se fazendo como uma formação cultural, o crivo institucional produzia um solo pátrio onde, alguns dispositivos formativos passaram a serem maquinados de modo a organizarem os encontros com as pessoas "de fora". Um destes dispositivos foi o *Encontra.ponto*.

4.3 Os Encontra.pontos: espaços temporários de aprendizagem

“Encontrar sempre o bom ponto de vista, ou sobretudo o melhor, aquele sem o qual só haveria desordem e mesmo o caos.”

(Gilles Deleuze)

Os *Encontra.pontos* eram eventos pontuais nos quais escolhíamos uma temática específica concernente ao trabalho social e convidávamos pessoas (professores, alunos, trabalhadores sociais e moradores das localidades onde desenvolvíamos projetos) que poderiam

contribuir para a conversa. O *Encontra.ponto* funcionou para os participantes, principalmente para os integrantes da Comungos, como a produção de espaços temporários de aprendizagem no qual as temáticas partiam do interesse interno do grupo e tentavam abranger também os interesses de outros grupos e pessoas ligados ao tema.

Um desses casos foi o tema das rádios comunitárias. Fabim tinha entrado no mestrado com um projeto de pesquisa nas rádios comunitárias. Numa reunião interna, ele propôs que o *encontra.ponto* do mês seguinte fosse com esta temática. O grupo topou. Na semana seguinte, Fabim chegou com uma mesa de som e um microfone. Ligamos a mesa no som da sala, por um fio que passa entre as tábuas do piso do sóton. Com isso tínhamos montado um estúdio de rádio improvisado e passamos uma parte da semana “brincando” com esses equipamentos: colocando músicas, fazendo locuções e pequenas novelas com textos criados na hora. Todo o dispositivo brincante era um tipo de inserção corporal no tema.

Saudações!

A quinta desta semana é a última do mês, e como de hábito iremos realizar o "encontra.ponto", que já é o quinto. Trata-se de um evento onde são convidadas pessoas para tratar de assuntos pertinentes ao trabalho social - relatar experiências, apresentar trabalhos, discutir temas afins... -, ampliando e tecendo uma rede de conhecidos e possíveis aliados. Até agora tivemos os *encontra.ponto*'s: I) *Relatos acerca da viagem de intercâmbio Comungos – Instituto Terramar/ Prainha do Canto Verde/ Litoral do Ceará* - por Viviane Hermida, Ester Nieto e Marcela Menezes; II) *A sustentabilidade dos projetos sociais* - Comungos; III) *Conversa de Viajante: sair do Brasil* - por Carlos Cruz (emigrante brasileiro na Suíça); IV) *Fórum Social Mundial - relato de estudantes universitários que estiveram no Fórum*. Nesta quinta, a psicóloga Ana Patrícia, que desenvolve trabalhos de assistência psico-social na Delegacia da 4ª C.P., em São Caetano, estará conosco. (Trecho de email. COMUNGOS, *encontra.ponto: c o n v i t e*, 23 de abril de 2002),

Depois do quinto, houve ainda mais cinco encontros cujos temas foram: VI) *Metodologias Participativas em Trabalhos Sociais*, com Ronaldo Weigand Jr. com a aplicação do DRP (Diagnóstico Rural Participativo) no processo de implantação de reservas extrativistas no Brasil; VII) *Conexões entre o Terceiro Setor, Universidade e Comunidade*; VIII) *Modernidade e Tradição: territórios con-viventes*, realizado no Forte de Santo Antônio, na sala do grupo de capoeira de Mestre Moraes e contou com a participação de Gey Espinheira e do Ogã Manuel Carlos; IX) *Rádios Comunitárias*, envolvendo um público bem diverso que variou desde locutores de rádios comunitárias a entidades representativas e X) *Moradia e Dignidade*, onde foi

lançado o documentário “Pelores”, realizado por Aline Frey e Marília Hughes, estagiárias de psicologia comunitária da UFBA, sobre a reforma do centro histórico de Salvador e contou com uma forte participação da população local. O *Encontra.ponto* também foi um dispositivo onde os ex-formandos continuavam a manter os contatos com a universidade, pois o fluxo de estudantes e alguns professores continuavam a acontecer nesses espaços.

Em um projeto em esboço, para tentar dar continuidade às atividades, encontramos a seguinte definição para o *encontra.ponto*:

O encontra.ponto é um projeto voltado para a educação de pessoas, grupos e organizações do que hoje se chama “terceiro setor”. Composto por encontros temáticos presenciais e trocas de e-mails (a troca de e-mails é um mote para incentivar a escrita e a troca de experiência) através de uma lista de discussão que abrange não só os participantes dos encontros, pessoas e organizações. Nesses **ambientes formativos**, pessoas “influentes” são convidadas para levantar problemáticas a cerca do campo de trabalho sugerido, servindo assim como disparador temático. Dessa maneira, o *encontra.ponto* tem a qualidade de reunir uma heterogeneidade de pessoas que se reflete na diversificação da discussão pela riqueza de pontos de vista e lugares da palavra: estudantes e professores universitários, representantes de associações comunitárias, jovens e profissionais que participam de projetos sociais, artistas, representantes de ONG’s, etc... (COMUNGOS, 2003).

Além de ser um ambiente de encontrar pessoas e conversar sobre temáticas concernentes, o *Encontra.ponto* foi, aos poucos, ganhando um tom de experimentação estética que atingiu o seu auge quando realizamos uma parceria com o *Soononmoon*, um grupo de cultura-tecno, que passou a fazer a ambientação sonora dos debates com músicas tecno-imersivas juntamente com as instalações artísticas realizadas por Wallace. A partir daí, as imagens etnofotográficas tiradas por Wallace no Capão e em Siribinha passaram também a compor a ambiência dos encontros.

Logo após a fundação da Comungos, os contatos com Siribinha foram rareando, pois o projeto *SiribãoCapinha*, agora não mais como UFBA em Campo e sim como Atividade Curricular em Comunidade (ACC), foi sendo ocupado pelas estudantes de psicologia. A participação da Comungos ficou sendo a supervisão das discentes: acompanhamentos em campo e reuniões (análise da prática) realizadas na casa-sede. Aos poucos, com a mudança de foco do projeto que se voltou para a etnografia visual, a presença efetiva dos comungos nessas duas localidades foi diminuindo devido a um projeto desenvolvido no Calabar.

4.4 Os Projetos no Calabar: “Cultura e Cidadania” e “Esquinas”

Se Capão e Siribinha iam ficando distantes, o contato com o Calabar se intensificava com a aprovação do projeto *Circuitos e Cidadania* junto ao programa *Capacitação Solidária* do Governo Federal. O local escolhido por nós foi o prédio da associação de moradores da localidade. O projeto envolvia aulas de elétrica e de “cidadania”, pois o edital exigia a realização de uma oficina de capacitação e uma outra oficina com questões mais gerais. O módulo de elétrica ficou com um professor de engenharia e o módulo de cidadania ficou conosco. A proposta do programa era proporcionar aos jovens uma capacitação técnica, que oferecesse uma renda imediata e facilitasse a sua entrada no mercado de trabalho. Paralelamente ao ensino técnico, o “público-alvo” teria um espaço para uma “formação em cidadania”, que ficou a nosso encargo.

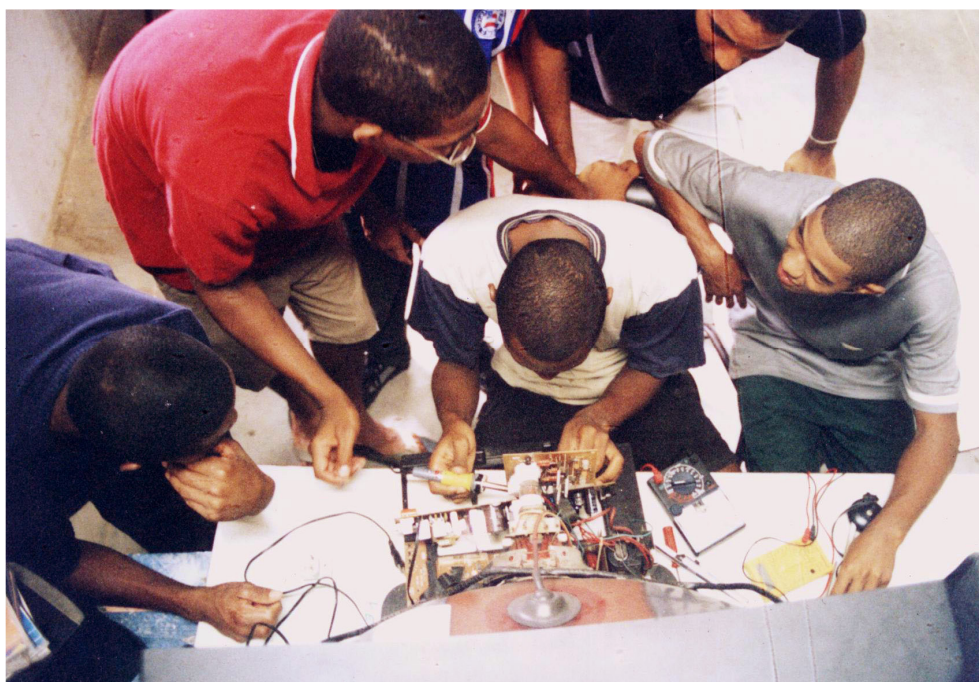


Figura 42 - Oficina de Eletrônica, Calabar, 2002
Foto: Wallace Nogueira



Figura 43 - Ulisses “Gaiamoon” e Márcio “Boot” na aula inaugural do Circuitos e Cidadania, Calabar, 2002
Foto: Wallace Nogueira

Lembro de como todo esse papo de capacitação era visto com muita desconfiança, pois se o mercado de trabalho estava escasso para todos, não seria um curso de capacitação que garantiria o emprego daqueles jovens. Dessa maneira, apostamos na seguinte estratégia: garantiríamos a capacitação solicitada pelo programa; tentaríamos ao máximo encaminhar os jovens para os estágios em empresas onde eram realizados concertos de equipamento elétrico – o que para nós era a possibilidade real de uma entrada no mercado; garantiríamos uma rica discussão sobre as problemáticas locais da comunidade, mas também estaríamos atentos a outras potencialidades do Calabar. Mesmo criando um espaço estriado de aprendizagem - com hora marcada, exigência de frequência dos participantes e tarefas a serem cumpridas - toda uma sensibilidade para encontros em outros espaços lisos continuava aflorada.

Hoje fomos ao Calabar à tarde, pra fazer uma sessão de pré-inscrições pro Circuitos e Cidadania... Foi legal, apareceram umas 25 pessoas (daqui a pouco mando o "perfil")... Ficamos sabendo de umas coisas legais: um carinha que desenha projeto de casa, outro que grafita, outro que tem uma banda de rock (Vírus Urbanus), que se dispôs a tocar na aula inaugural, se for o caso, etc, etc... Marcamos de ir lá de novo na sexta às 14h. para mais uma sessão. Isso será anunciado na rádio comunitária amanhã. [...] No final de tudo, fomos conhecer a casa de Alana. [...] Conhecemos a família toda (padrasto, mãe, marido...) Pessoal simpático. Tomamos uma boa média com pão com manteiga e batemos um longo papo! Foi muito bom... (Trecho de e-mail.VIVIANE, *Circuitos – Calabar*, 11 de julho de 2001).

No início do *Circuitos e Cidadania*, uma dupla de rapazes de 21 anos, participantes de uma banda de rock chamada *Virus Urbanus*, insistiram para entrar no projeto. A situação para a gente, na época, foi um pouco complicada porque o edital só permitia atender jovens até 20 anos. Os rapazes quiseram permanecer a qualquer custo. Frente à tamanha vontade de participação, realizamos uma reunião com toda a turma onde foi decidido que os rapazes deveriam participar do projeto.

Durante as oficinas, Ulisses “Gaimoon” e Márcio “Boot” tiveram uma participação destacada no grupo, principalmente durante as discussões que envolviam as problemáticas da sua comunidade. Eles passaram a freqüentar constantemente a nossa casa-sede principalmente nos encontros abertos. Segundo Ulisses...

pra mim, o interesse foi em estar participando daquela construção das discussões. Isso me interessava muito. Eu estava a fim de estar sacando coisas. E, uma coisa que fez com que eu me aproximasse mais da Comungos foram os temas que vocês puxavam. Eram temas que ocorriam dentro da nossa comunidade. Eram coisas que estavam, mas que não eram abordadas. E de repente, a galera estava abordando isso [...]. Existia ali um campo de comunicação e de diálogo que não rolava nas esquinas, que não rolava propriamente... que rola sim, mas com outra linguagem e muito limitada, posso assim dizer. A Comungos, ela me levou a vivenciar esse mundo de comunicação a onde a gente poderia estar falando de todas as nossas questões cotidianas e emergentes, como a questão da polícia, os conflitos entre os jovens da comunidade... Apesar desse não ser o mundo de vocês, mas vocês me estimulavam a falar sobre ele. Enquanto a gente já falava sobre isso, mas de uma forma generalizada; “pô, fulano matou fulano”. Mas, a gente nunca se questionava porque que se mata, porque é que estamos nesta situação. [...] Então, a Comungos fez com que essa mudança fosse se construindo, foi fazendo com que eu começasse a me diferenciar dentro dos parâmetros da nossa relação ali dentro do Calabar. [...] Eu pude perceber dentro da Comungos que assim como eu, morador de uma comunidade de classe média baixa, preciso tá me informando sobre a escola, a faculdade, enfim.. Está sacando esse outro mundo dentro da sua linguagem formal. Eu pude perceber que existe um interesse dentro dessas pessoas que vivem nesse mundo formal para esse meu mundo daqui. Eles têm interesse em sacar. Então, eu pude perceber que existia ali uma troca muito valerosa entre um e outro. E aprendia mais quem sacava mais, aprendia mais quem criava dentro de si uma sensibilidade maior e um interesse maior. [...] Era como se eu estivesse, podemos dizer assim, lendo um livro todos os dias. Sabe quando você está lendo um livro, que não lendo ele propriamente, mas você vivenciando cada fato desse livro, fazendo parte dessa história? Então assim foi a Comungos para mim,

assim a Comungos se construía dentro de mim. [...] Então, eu acho que um dos pontos mais interessantes para mim dentro da Comungos foi a facilidade com que eu pude perceber um mundo novo se apresentando a mim, foi basicamente isso (Informação verbal).



Figura 44 - Márcio Boot, eu e Wallace (atrás da câmera): colhendo dados para fazer uma maquete da localidade, Calabar, 2002

Foto: Wallace Nogueira

Tal como o advogado de defesa negro da família branca - em *A Arma da Casa*, da escritora pós-colonial sul-africana Nadine Gordimer (2000, p. 110) – que veio “do Outro Lado do passado dividido”, Ulisses fala de “eu e vocês”, “diferença de mundos”, “o mundo formal” e o “mundo daqui”. Ulisses continua a expressar a sua estranheza em relação ao projeto que parecia tender a atualizar um passado colonial brasileiro.

Você sabe, todo mundo sabe, que a identidade no nosso país de ser rico é o cara ser branco, mas a gente sabe que na favela tem preto, branco, mulato e cafuso. Mas se o cara é branco traz consigo essa identidade que foi construída por essa sociedade: que o preto é pobre e que o branco, basicamente, é rico. Então, para eu estar do lado de uma pessoa branca, isso dentro de mim... isso já vinha impondo alguma coisa, sacou? Já vinha impondo limites, já vinha impondo certas regras que de uma forma bem natural ia se manifestando em mim. Como é que eu vou me comunicar com ele? Será que eu devo falar com gíria? E depois uma outra parte dentro de

mim exigia que falasse com gíria, que eu impusesse o meu poder, porque eu tava na minha zona, na minha área. [...] Porque uma parte dentro de mim tinha a sensação de um estupro, sabe? De uma invasão dentro de minha área e eu que ia ser o cara que ia tá fazendo esse... eu que ia estar estuprando a minha comunidade. Mas uma outra parte de mim... Acho que é a primeira vez que eu estou falando sobre isso, né? Rolou um conflito dentro de mim de “será que essa galera é de dentro ou é de fora mesmo?” Aí depois eu ficava com esse lema em minha cabeça. “Mas os cara é de dentro. Pô, os cara comunica comigo, eu consegui comunicar”. E o que mais me levou em ter a Comungos como um veículo para que eu pudesse estar expressando o que eu pensava, não me limitando... achando o que eu pensava era doidera, foi que quando eu falava, vocês prestavam atenção, que era o contrário da minha comunidade. “Ah! Esse cara é maluco!” E não conseguia rolar um fluxo interessante dentro da comunicação. Uma das coisas que me chamou atenção foi que vocês me ouviam, né? Então, eu fui começando a criar essa questão do aliado (Informação verbal).

A chegada do projeto no Calabar, não foi tomada inicialmente como algo natural por Ulisses, para quem tudo era visto com muito estranhamento e desconfiança. Isso é de se esperar até pelo próprio histórico dos estudantes da faculdade no Calabar, que lá só adentravam para coletarem dados e depois partem em retirada sem nunca mais voltar. O mesmo vale para as ONG's que normalmente chegavam com os projetos prontos, estabelecendo uma dessimetria entre os de “fora” e os de “dentro”. Lá estávamos, exatamente no lugar tanto criticado por nós, tentando desfazê-lo para o surgimento de outras possibilidades.

Um entre-lugar ³³ foi, aos poucos, se produzindo principalmente entre Ulisses e a Comungos. A diferença sócio-cultural entre “nós” e “eles” parecia se igualar, na nossa própria diferença constitutiva, pois quando se tratava de conhecer, antes das diferenças culturais, está em jogo uma sensibilidade, uma a(n)tenção para o acontecimento. “Eu pude perceber que existia ali uma troca muito valorosa entre um e outro. E aprendia mais quem sacava mais, aprendia mais quem criava dentro de si uma sensibilidade maior e um interesse maior”. No entanto, não era apenas uma sensibilidade. Uma espécie de *racionalidade comunicativa* (Habermas) passou a operar entre Ulisses e os comungos, tornando possível a criação de um lugar comum entre mundos diferentes.

³³ Termo cunhado por Homi Bhabha e re-apropriado pelo educador Felipe Serpa para explicitar um plano de encontro intermediário, um *lugar entre* a comunidade e a universidade. Este lugar, que não se reduziria nem à comunidade, nem à universidade, seria um plano de composição entre os dois termos que o possibilitaram, a “Terceira Margem do Rio” de Guimarães Rosa (1988).

Quando eu lembro da Vírus Urbanus, eu lembro muito das músicas que a gente costumava compor. A todo o momento, elas sempre falaram sobre a nossa realidade. Em nenhum momento, nós fugimos da nossa realidade. [...] Quando eu tava lá com a Comungos, quando a gente chegou lá pra poder pedir para participar do projeto e tal... e sacamos a energia que estava rolando ali com a galera lá... o que rolou foi que rolava algo em comum por conta disso, sacou? Porque querendo ou não a gente tinha uma banda formada com quatro indivíduos que também estavam problematizando a questão social, com outra forma - com a música, e vocês estavam problematizando ela de outra forma. Então tinha muito a ver um com outro, né? A gente falando sobre nossa realidade e vocês querendo sacar sobre a nossa realidade. Então houve um nexos interessante assim (Informação verbal).

Aos poucos, Ulisses foi vendo a Comungos como “um veículo para que pudesse estar expressando o que pensava”; assim ele, juntamente com Marcio Boot, propuseram o encaminhamento de uma idéia para tentar viabilizá-la através da captação de recursos junto a organizações financiadoras. A idéia nasceu da seguinte situação: toda vez que Ulisses ficava com o violão tocando na porta de sua casa, um pequeno grupo de garotos se formava espontaneamente para ouvir as músicas. O agrupamento, inicialmente promovido pelo violão, ampliava-se "naturalmente" em conversas sobre o cotidiano dos meninos, da comunidade, da violência, da ação da policia... Foi a partir desse “movimento” que surgiu a idéia do *Projeto Esquinas*. Ulisses conta:

O Esquinas, de certa forma, o projeto já rolava, sem a gente perceber. Na porta de minha casa, já colava Tom, uns quatro garotos, tinha Tom, tinha o filho de Arlinda, Carlos, Antônio ³⁴, que já ia para a porta da minha casa, para ficar lá, zoando no violão. No fim das contas, sem que eu percebesse, os garotos estavam sempre falando sobre a mãe dele que batia nele, a atuação da polícia dentro da comunidade, os jovens que estavam se matando e a violência que vai encorpando nele de uma forma tão natural que basta ele se sentir ameaçado que a primeira coisa que ela falava era: “vou matar, vou pegar a arma e dar um tiro” e coisas desse tipo de gênero que me assustava, mas que, ao mesmo tempo, não me assustava porque já estava em nosso cotidiano, até eu pensava da mesma forma... (Informação verbal).

A partir da percepção de um “movimento pedagógico” na porta de sua casa e, também, uma sensibilidade de antever uma lógica instrumental onde as ações acontecem por projetos e

³⁴ Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos mesmos.

captação de recursos, Ulisses teve a idéia de conseguir mais violões para que mais meninos pudessem estar próximos a ele. Dessa forma, ele propôs que a Comungos o auxiliasse na viabilização da idéia. O mini-projeto foi enviado, via Comungos, para o Centro Ecumênico de Serviços (CESE) que se interessou exatamente pelo local no qual o projeto se realizaria: nas esquinas do Calabar. Ulisses estriou o espaço liso dos encontros espontâneos, criando encontros semanais para que alguns adolescentes e jovens de seu bairro pudessem aprender a tocar violão, conversarem e discutirem sobre o Calabar.

Durante os seis meses do projeto, tornou-se comum ver - nas noites abertas do Calabar-, um grupo de adolescentes tocando violão, sentados em roda conversando e crianças pequenas correndo pra lá e pra cá. O Projeto Esquinas, pelo fato de acontecer num local público, foi aos poucos se tornando um espaço de convivência. As crianças passaram a se aproximar, não por estarem interessadas em tocar violão ou conversar sobre assuntos de sua comunidade, mas simplesmente porque desejavam brincar. Isto também se tornava possível porque Ulisses tinha uma "boa reputação" entre os moradores do Calabar e, por isso, as mães deixavam os seus filhos sob sua responsabilidade. Num bairro, onde as áreas de lazer eram - e ainda são - escassas, o Projeto Esquinas veio a ser uma possibilidade lúdica. Tamanha diversidade de desejos foi causando alguns conflitos, pois o barulho feito pela meninada, que não estava prevista no espaço do projeto, atrapalhava a concentração do pessoal das conversas e dos violões. Aos poucos, os conflitos foram sendo geridos pelo próprio grupo. O espaço foi subdividido a fim de que as atividades não se atrapalhassem uma as outras. Acompanhávamos de perto o projeto, sentávamos com Ulisses e Márcio para pensar o trabalho e as questões que apareciam no decorrer do caminho e sempre por lá estávamos dando uma força na labuta.



*Figura 45 - Meninada do “Esquinas”, 2003
Foto: Wallace Nogueira*



*Figura 46 - Banda-mirim formada no “Esquinas”, 2003
Foto: Marcelo Matos*



*Figura 47 - Projeção de filmes nas ruelas do Calabar, 2003
Foto: Kueyla Bittencourt*

Algumas estudantes de psicologia, Ellen³⁵ e Kueyla³⁶, escolheram a Comungos para realizar seus estágios curriculares em psicologia comunitária, sob a supervisão de Wilson, e o projeto Esquinas foi um dos campos de prática. Segundo Kueyla

Quando cheguei [na Comungos] estava acontecendo o Esquinas. E eu sei que a Comungos já tinha tido um trabalho antes lá, na comunidade do Calabar, que foi onde aconteceu o projeto, mas eu nunca tinha ido lá. Apesar de estudar vários anos do lado do bairro, eu nunca tinha ido lá. E aí o Esquinas foi interessante porque foi o primeiro projeto que eu acompanhei de perto. E eu lembro assim que tinha algumas pessoas da Comungos que estavam mais de perto, acompanhando o projeto. No entanto, todas as pessoas estavam envolvidas diretamente nele, né? E assim, era comum a gente propor eventos dentro da comunidade em que todas as pessoas do grupo e pessoas que estavam além da Comungos – dentro da rede da Comungos – iam para o Calabar e acabava, assim, interpenetrando no bairro. Acho que era uma coisa acolhedora pra caramba, o Esquinas. Foi um projeto que acontecia nas ruas; então, acho

³⁵ Ellen Carvalho

³⁶ Kueyla Bittencourt

que as pessoas que iam pra lá se sentiam super à vontade, porque acho que é conhecer o bairro a partir da rua. [...] E aí, o Esquinas trouxe uma vivência comunitária muito interessante pra o meu estágio, né?, pro estágio de psicologia comunitária, porque depois a gente foi trazendo essas experiências pra dentro da faculdade. Então, assim, eu lembro que esses meninos do Esquinas tinham uma banda de rock e a gente fez uma festa na faculdade e chamou a banda desses meninos pra tocar lá. Então foi criando uma conexão entre a faculdade e as pessoas do bairro, né? E depois, assim, no final do semestre a gente fez um evento bem grande pra mostrar o que a gente tinha feito durante o projeto, o semestre. E aí, as pessoas do Calabar apareceram lá e contaram a experiência. Então, eu acho que foi uma troca de experiência muito legal entre a universidade e o bairro, né? E depois desse Projeto Esquinas tiveram outras repercussões, né?, de fazer amostras de cinema lá... Um dia teve o dia das crianças que a gente resolveu fazer lá e foi legal porque, assim, era uma coisa que não tava mais no projeto, né? O projeto já tinha até se esvaído aí no meio da história. Ninguém tava fazendo mais estágio lá, no entanto existia um elo, né?, entre a gente e a comunidade. Não era nem só ao grupo do Esquinas, mas à comunidade (Informação verbal).



*Figura 48 - Dia das Crianças no Calabar (Maíra Valente e Rafael Pulgas), 2004
Foto: Luciana Rodrigues*

O entre-lugar Calabar-São Lázaro estendia-se para além daqueles que o tinham inaugurado. Aquela antiga idéia de tentar estabelecer pontos de contatos entre o Calabar e a comunidade acadêmica continuava a acontecer, principalmente, por via dos novos integrantes que estavam entrando na Comungos. Assim, de forma pontual e temporária, as conexões foram estabelecidas, os agenciamentos foram compostos e entre-lugares foram constituídos.

Quanto aos entre-lugares, estes são instáveis, pois decorrem da ressonância do diálogo de dois lugares, que resultam da precipitação de acontecimentos produzidos pelo diálogo; ao terminar a ressonância, o entre-lugar se esvai, mas os dois lugares que precipitaram os acontecimentos ressonantes agregam conhecimento (SERPA, F., 2004, p. 166).

Esses acontecimentos foram estreitando os laços entre Ulisses e a Comungos, até quando ele decidiu adentrar formalmente no grupo. Ulisses adentrou no período de nosso momento mais crítico, quando tínhamos reuniões homéricas para tentar alavancar um plano coletivo que fizesse sentido a todos. Tentávamos corrigir um “distúrbio de direção” – como me disse certa vez Daniela – “através da linguagem falada”. A queixa na centralidade dos papéis organizacionais fixados em cada um tornava-se cada vez mais frequentes. Todos os movimentos artísticos, característica marcante do grupo, tinham se esvaído: não havia mais intervenções teatrais, a lista virtual literária do Carçoço tinha praticamente desaparecido e a sede começou a ficar, cada vez mais, esvaziada.

O grupo estava se dispersando, dentre outras coisas, devido à necessidade de trabalho remunerado por não termos conseguido a aprovação dos projetos que tínhamos encaminhado para os editais. Passamos um período tirando uma parte de nossos salários em outros empregos para poder manter, minimamente, a infra-estrutura da Comungos. A tensão de manter financeiramente e a necessidade de respirar outros ares para se realizar profissionalmente convergiram para o fim da Comungos.

RAPSÓDIA FINAL

É POSSÍVEL UMA INDIFERENCIADA RELAÇÃO ENTRE O
PLANO ORGANIZACIONAL E O PLANO ÉTICO DA AMIZADE?

Quando mais tentávamos re-encontrar o comum, mais ele se multiplicava numa miríade de ações possíveis. Paralelo a isso, a Utopia de viver financeiramente da Comungos não era mais sustentável e os trabalhos com os quais começamos a nos envolver em outras organizações, tinham uma carga horária grande. A busca por outros trabalhos parecia estar assentada não apenas em uma necessidade financeira, mas também em um movimento de diferenciação interna – entre os integrantes do grupo – pelo qual a unidade da Comungos dissolvia-se nas multiplicidades que sempre a constituíam. Esta unidade é vista por Marcela como um “plano maior”, um Sentido em estar-juntos.

Eu acho que existia um plano maior mesmo que unia todo mundo. Primeiro porque a gente teve uma crítica muito grande ao indivíduo. E aí, na Comungos, isso era muito assim, né? As coisas nunca eram tratadas nesse plano do indivíduo. A gente sempre procurava..., como é que era?... Não era o termo de se desconstruir não... mas tinha um termo que se usava bastante que era... [silêncio] Fugiu agora. Essa coisa da identidade: a gente nunca valorizava muito isso. Era sempre uma história que... Pelo menos, eu me sentia assim: ligada a um plano maior. Durante muito tempo, eu nunca dei muita bola. Eu acho que eu demorei de perceber as diferenças dentro da... [Comungos]. Eu achava durante um tempo que aquelas diferenças operavam ali dentro de um plano comum e o plano comum era o plano comum do que todo mundo queria, dos desejos de todos. E os desejos de todos eram aqueles ali que eram pensar uma prática diferente, tentar pensar uma psicologia comunitária dentro daquelas coisas que a gente acreditava. (Informação verbal)

Daniela pergunta-lhe se este “plano maior” é um ideal. Eis que Marcela responde:

Eu não sei se esse é um plano descolado da realidade, se é um ideal. Não sei bem se é um ideal de comunidade que rolava não, entendeu? Mas eu acho que durante um tempo operou mesmo um funcionamento comunitário. O que movia era alguma coisa que a gente não precisava falar sobre. A coisa operava e a coisa funcionava, porque a gente acreditava naquelas histórias todas. Só que em determinado momento a gente precisou parar para conversar sobre isso. Precisou parar para ver: “perai, esse sonho aí, essa coisa que move a gente está se operando como aqui, nessa casa, na gestão da casa”? Foi quando a gente começou a conversar sobre isso: “quem é que vai limpar a casa? Quem é que sempre faz as prestações de contas”? Quando a gente começou a pensar nisso, é porque a gente começou a ver essas diferenças (Informação verbal).

A Comungos foi um prolongamento de um *território existencial* constituído no período universitário, que nos fez pensar uma formação assentada num plano afetivo, que se prolongou

para além do espaço acadêmico. Não é de se espantar que, com o passar do tempo, esse plano existencial, facilmente sustentável na universidade, fosse, ao longo da constituição da ongue, sendo sobreposto pelo plano organizacional, gerando um conflito irresolúvel em nossas relações. Tais dissincronias mostravam-se através dos papéis assumidos por cada um no dia a dia; gerando um mal-estar que impregnava tanto o plano organizacional e o plano da amizade. Os afetos tristes que aconteciam em um plano reverberavam no outro, formando um círculo vicioso onde o único fim inevitável era a dispersão de todos.

Tal como no sentido da comunidade contraditória de Bauman (2003), a Comungos funcionou como uma contradição em termos, já que era necessário tornar explícito aquilo que antes era implícito. O plano pré-reflexivo, antes lido apenas nos olhos, no mover da face e na respiração ofegante de cada um, “o que movia era alguma coisa que a gente não precisava falar sobre”, é trazido à reflexão. A Comungos foi se tornando uma comunidade que falava de si mesma, onde era preciso a toda hora estar se perguntando “o que é que vamos fazer juntos?” Numa de nossas últimas reuniões, gravei a seguinte fala de Fabim:

Na época de faculdade, desses movimentos todos, o universo de intervenção, que a gente imaginava, fazia com que a gente visse formas de intervenção bem plausíveis, possíveis e fortes. Por exemplo: as aulas, a psicologia que se implicava em literatura... mas era aquele contexto de nosso cotidiano dentro da faculdade. A faculdade era um mundo onde a gente atuava politicamente pelas inquietações que ele passava. Depois que sai da faculdade, aí você vai olhar pro uuuuuuuuuuu [mundão]. [...] Parece que força a gente a pensar numa intervenção mundana mesmo. Assim: “agora, aonde é que eu vou me inserir? O que é que vou fazer?” [...] Antes era um pouco “o que é que a gente vai fazer quando crescer mesmo?” Tipo: nos formamos e tal, como é que vai ser nossa intervenção, nossas atuações profissionais, o que é que isso tem de político... Hoje já está todo mundo mais ou menos conectado. Tão com seus trabalhos e ainda se perguntando sobre [o que é que vamos fazer juntos?]. Então, não é uma questão meramente profissional, como era talvez a idéia de ser ongueiro, né? Hoje já não é tão profissional. Então, o que é que continua batendo [dando prazer] que a gente, quase com nossas quarenta horas [por semana] ocupadas, ainda fica na viagem de se encontrar para perguntar o que é que a gente vai fazer? (Trecho de reunião 16 de outubro de 2004).

O território existencial – fundando na afetividade entre os membros do grupo, numa tentativa de criar uma outra psicologia, numa outra forma de realizar os trabalhos sociais – era o Grande Plano tácito que a todos unia. Com o passar do tempo, principalmente com a entrada de

novos integrantes, esse Plano necessitou ser explicitado para a compreensão do funcionamento da organização.

A necessidade de explicitar o tácito passava, também, por uma aparência externa criada pelo grupo. As pessoas passam a se referir a nós como “aqueles da Comungos”. Assim, não era mais o vínculo comunitário entre os integrantes que atraía as pessoas para perto de nós e sim a cara organizacional criada que se agarrava em nós sem poder livramo-nos dela. Um e-mail enviado por Fabim, em 2004, marca bem esta questão pela qual passávamos.

Somos um grupo com cerca de seis anos de convivência. Apesar de todo desgaste que se opera em relações de proximidade, existe "algo" tácito entre nós, que nos proporciona um sentimento de tranqüilidade quando estamos juntos (mesmo quando há ódio e desavença ainda estamos "em família"). Esse "algo tácito" nunca foi obra de um acordo explícito, mas se fez carne com o tempo, através de experimentações das velocidades de cada um de nós, na degustação do sabor da presença (a gestualidade, a temperatura e a textura da pele, o tom da fala, o ritmo do coração, o modo de articular o raciocínio, as feições do rosto, o jeito como compõe na conversa, os atos morais e suas demonstrações...), e numa eticidade que hoje podemos nos orgulhar em ter construído (ainda que estejamos sempre checando sua existência). É como se fôssemos recompensados cotidianamente por estarmos juntos, recompensa que não sentimos pagando nem devendo; como um afixamento que nunca se utiliza, mas que se é grato pela confiabilidade expressa no ato de nos dispormos - o que já realiza, de certa maneira, o afixamento.

Nesse grupo sentimo-nos os "donos do jogo", sabemos disso, sem nunca alguém nos ter autorizado. Autorizamos-nos, e este é o sinal de nossa legitimidade. Os "novos", recém-chegados, nunca deixam de se chegar, e por mais que digamos que qualquer um pode ser tão membro quanto somos, é por dizê-lo que marcamos nossa diferença fundamental. Essa disjunção originária, raramente assumida de frente, entre "nós-mais-antigos" e "eles-mais-novos", nos desconcerta entre o dito e o feito.

Por haver o compartilhamento de sentimentos e conhecimentos tácitos entre nós, e o desejo que "eles-mais-novos" no-lo sintam, compreendam e compartilhem também, exitarmos (por uma concordância também tácita) em explicitar regras (ou ritualizar níveis de envolvimento), pois assim teríamos que desmistificar a espontaneidade com que o grupo surgiu, e deixaríamos de ser exemplos de um mito fundacional. Pois, no nosso caso, fomos nos avizinhandos uns dos outros por acaso, com sinceridade e intensidade, e aos poucos fomos construindo tal eticidade juntos; e hoje, depois de alguns anos, temos o sentimento constituinte de pertencermos a um grupo. Imaginamos que esse mito originário do grupo, isto é, a forma "natural" como fomos nos aproximando uns dos outros, em ocasiões informais, tornando-nos objeto de admiração e desejo, possa ser também revivido por "eles-mais-novos". Talvez deixemos de lado o fato de que, pelo menos a partir de fora, delineou-se uma "cara institucionalizada", e nem todos se aproximam pela espontânea curiosidade em conhecer cada um de nós (como fora nosso caso), e sim pela vontade de conhecer "o grupo" e o que se faz, e experimentar o fascínio que se vislumbra fora, de dentro. (Trecho de e-mail. FABIM, *valores tácitos X regras explícitas*, 30 de março de 2004).

Talvez toda a tentativa de tentar explicitar as regras para aqueles que estavam chegando fosse um empreendimento impossível, pois as regras do funcionamento da ongue nunca poderiam ser explicitadas. Como dizer o indizível? As regras eram essencialmente implícitas e estavam mais ligadas às relações afetivas entre os “mais-velhos” do que aos papéis organizacionais assumidos por cada um.

A busca por uma explicitação não se resumia apenas à tentativa de inserir os “eles-mais-novos” numa eticidade já constituída, como escreveu Fabim. Ela estendia-se também a necessidade de explicitar um plano comum de sentido entre todos, inclusive aos “nós-mais-velhos”. Aos poucos, antes de chegar ao fim, as reuniões constituíam-se numa tentativa de reconstruir esse plano comum através da busca de um consenso. O *em comum* das nossas ações, aquilo que iríamos fazer, era igual ao ovo *quase* encontrado por Alice quando ela atravessou o espelho: “quanto mais ando em direção ao ovo, mais longe ele parece ficar” - disse ³⁷. Tal como o ovo de Alice, Daniela fala do *comum* como algo essencialmente escorregadio de modo que quanto mais tentávamos designa-lo, mais ele escapolia.

A gente tentava recortar ele [o plano comum], achar, capturar, teorizar em cima dele, dizer “é ele! Oi ele aqui! Oi ele aqui! Oi ele acolá!”[...]. E aí a gente se reunia pra dizer o que é que a gente está realmente [fazendo]... o que é que existe já de comum em nossas ações. De uma forma muito tranqüila. Em vez de parar e dizer, vamos traçar agora o é que existe. E existiram esses momentos de “vamos traçar agora um plano coletivo em que todas as idiossincrasias aí, todos os planos individuais façam sentido. Vamos traçar agora, pá”. Mas é um dispositivo interessante, que [...] ele fazia com que o plano comum escapasse, porque ele sempre escapava, já que a gente não conseguiu de fato chegar a esse plano comum de uma forma linda e maravilhosa, como a gente imaginou. A impressão é que ele escapava mais ao mesmo tempo ele unia porque a gente se reunia para pensar esse plano comum. E quando a gente se reunia, várias coisas faziam sentido, inclusive compartilhar leituras, compartilhar incursões teóricas, compartilhar descobertas e aí um conquistava o outro mesmo assim, sabe? Pela forma de tratar certas coisas que a gente não... Tratar certas coisas em comum, em outras palavras, né? Tratar certas coisas incomuns, trocadilho interessante esse... A educação era um processo diluído neste plasma todo, assim, a formação tava acontecendo (Trecho de conversa, 06 de abril de 2005).

³⁷ CARROLL, L. Alice, p. 199.

Perguntei a Dani se essa idéia de sermos um espaço de formação não foi algo que aconteceu depois. Eis que ela respondeu:

Sim – continuou Daniela –, porque na verdade foi exatamente o exercício da gente pensar qual é o nosso plano comum, que fez a gente concluir que, na verdade, não era nada daquilo assim de pegar, ter uma ONG, botar projeto social na prática. Na verdade, o que a gente fazia e fazia muito bem era ser um espaço de formação. Foi quase que uma conclusão, meio assim da nossa história mesmo. Só que quando a gente tentava institucionalizar isso, colocar alguma disciplina nisso, colocar algum formato nisso, ele escapava mesmo e... sucumbia. Aí que eu acho assim... aí é queimar miolos para pensar que fenômeno é esse. É um fenômeno interessante (Trecho de conversa, 06 de abril de 2005).

Na conversa que tivemos com Ulisses, ele parecia já ter feito um arremate deste “desafio” que Dani lançou. O desejo dos integrantes do grupo apontava para algo que estava fora dele.

É não sei... o que foi rolando foi isso aí mesmo: quando o comum começou a ser abalado, quando começaram a surgir outros “em comuns” que só estava em dois ou três ou que estava em um... sei lá... Eu acho que isso foi abalando um pouco. Acho que esse foi o ponto principal da Comungos, acabar – entre aspas –, porque o “em comum” começou a ser abalado. As pessoas estavam sendo atravessadas por outras coisas e estavam se descobrindo em outras coisas. Então, outros mundos começaram a se apresentar. E quando você vinha com esse mundo para apresentar ao cara, ele já estava sendo seduzido por um outro mundo. Foi isso que eu estava percebendo na Comungos. E eu ficava: “porra, tá rolando uma onda aí...”. Mas eu não queria falar sobre isso... Na verdade, não dava para falar sobre isso, porque eu estava em processo de sacação e o que eu pude perceber foi isso... que a galera... Vários mundos se apresentando e esse mundo não estava tão “em comum” [...]. Então o “em comum” começou a ser a abalado. Assim, sei lá várias coisas foram rolando na vida de cada um. Só isso mesmo aí. Não saquei muita coisa não. (Informação verbal).

Complementei a fala de Ulisses enfatizando o rumo que cada um tomou depois de extinta a Comungos. Como se estas possíveis direções já estivessem dentro do próprio grupo. Continuei dizendo:

Só que era impossível a gente dar conta, né? Viviane sempre querendo marcar: “eu acho que política pública é interessante”, “eu acho interessante estar discutindo essas coisas em arenas democráticas de influência política mesmo”. Mas uma parte não tinha esse histórico.

Assim... sabia a importância da história, mas também não tinha como bancar isso, né? (Informação verbal)

Daniela complementa:

Inclusive – complementa Daniela - eu tenho uma sensação meio diferente dessa... Também tenho essa: quando você perde o plano comum, o grupo meio que a abstrai si mesmo. Vira uma abstração. Não é mais uma coisa que passa por todo mundo. A gente vai estar falando sempre dele e não ele se atualizando. Mas a sensação que eu tenho é que, ao contrário, a gente não conseguia se largar, por isso que você estava falando aí (Informação verbal).

O hibridismo entre o plano ético da amizade e o plano organizacional da ongue foi um dos pontos de tensão da última fase da *bildung* dos comungos. Esta questão já tinha sido apontada por aqueles que não continuaram junto ao grupo na época da constituição da pessoa jurídica, depois de terminada a graduação. Desfeito o *comum*, toda a tensão do processo de finalização da Comungos, segundo Ulisses, concentrava-se *entre* dois planos: a organização (que ele chama de instituição) e a amizade.

*Eu acho que uma das grandes sacações da Comungos foi a do quanto é interessante não ser institucionalizado e fazer as coisas juntos. A instituição impõe isso, sacou? **Impõem o “em comum”**. [...] Eu acho que quando se levantava a bandeira da Comungos-instituição, ela vinha impondo um certo “em comum” que tinha que estar rolando por conta da instituição, mas quando se quebra isso, esse “em comum” continua, mas ele continua baseado na amizade, no estar por que gosta de estar-junto, de construir porque gosta de construir junto. A instituição não cria mais esse link... não precisamos dela para fazer coisas. [...] Mas quando você pára para fazer algo junto, o nosso “em comum” vai surgindo de forma natural e você vai respeitar a minha individualidade para um outro “em comum” com outro grupo, mas a gente vai fazer coisas juntos. A instituição quebra um pouco isso e isso que é desconfortante. Isso que foi minando a Comungos, porque enquanto uns chamavam para a instituição, outros chamavam para a amizade (Informação verbal).*

O que é a Comungos? Talvez “a comungos não é uma coisa da qual se fale”, como disse Daniela durante a entrevista com Wallace. Talvez seja uma daquelas palavras-manás, tal como a Felicidade, a Revolução, a Idéia... Uma palavra em branco, uma palavra esotérica – como gosta de dizer Deleuze (2000, p.45-54) – que não designa nenhum objeto e não evoca nenhum significado, mas ocupa o lugar de alguma coisa que não pode ser nomeada ou designada.

Talvez no final das contas,- disse Fabim - quando alguém tá lá se perguntando “cadê a Comungos?”, talvez seja essa justamente a Idéia. Talvez seja para alguns... não sei, ou para todos. Essa coisa..., essa coisa que não tem como dizer, entendeu? [...] Um espírito comum! Não é um espírito, é um negócio... Ulisses falou muito disso, né?, no final das contas também, dessa coisa de... “ah, os comungos permanecem, os comungos é uma coisa, os comungos, onde eu tiver, é uma força, pá! Então, eu acho que a Comungos é sempre uma devolução à Natureza, com N maiúsculo, né? (Informação verbal)

E assim, estamos relativamente dispersos, apesar da maioria morar próximo um do outro. Mantemos um território compartilhado marcado, menos pela proximidade, e mais por uma distância. Talvez deixemos de ser um grupo para nos tornarmos um bando, uma matilha; onde cada um ouve o uivo lançado pelo outro, ao longe, e sabemos ainda que, de alguma forma, estamos conectados numa viagem sem fim.

EPÍLOGO

Depois de um ponto final, ando por dentro de minha própria casa como se vagasse por uma planície onde os olhos miram o horizonte. Entro nos cômodos a procura de alguma informação, como se tivesse esquecido de escrever algo da mais grave importância.

O quarto onde Daniela habitava já está vazio. Quando terminasse a sua dissertação, ela tinha decidido se mudar para Jacobina, onde uma vida mais tranqüila lhe esperava. No seu antigo quarto, onde foi seu pouso durante os últimos oitos meses, consta apenas um armário velho, uma prateleira despencada e um colchão que exala o sono de várias pessoas que nele deitaram.

Hoje, ela esteve aqui e numa última conversa, já em clima de final de pesquisa, disse-me:

Não vejo a Comungos-ongue como um equívoco não. Ao mesmo tempo em que foi um equívoco. Sabe? É louco mesmo. Foi um equívoco, com certeza. Seria muito melhor se a gente continuasse naquela perspectiva de experimentação total. Mas a gente não ia conseguir metade do que a gente conseguiu. Profissionalizamo-nos. Estabelecemo-nos...

Sua face brilhou, seus olhos desceram ao copo que estava em sua frente, empunhou-o e disse num tom de extrema felicidade:

Um brinde! Criamos a nossa própria escola! [risos].

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: ed. Cultrix, 1992
- BARTHES, Roland. *Como Viver Junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca da Política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca de segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fonte, 1999
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Trad. Bento Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- BERMAN, Marshall. Nostalgia dos 60. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais!. 02 jul. 1999
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998
- BURNHAM, Teresinha. Aprendizagem no UFBA em Campo. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *UFBA em Campo 1996-1998: uma experiência de articulação ensino/pesquisa e sociedade*. Salvador: UFBA – Pró-Reitoria de Extensão, 1998.
- BURNHAM, Teresinha Froés. Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento, Sociedade da Aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBISCO, N. M. L.; BRANDÃO, L. M. B. *Informação e Informática*. Salvador: EDUFBA, 2000
- CARROLL, Lewis. *Alice: edição comentada*. Trad. Maria Luíza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Alves. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994

COMUNGOS, *Projeto Thrama*. Salvador, 2001

COMUNGOS, *Projeto Encontra.ponto* (em esboço). Salvador, 2003.

COSTA, Sylvio. Esquizo ou da Educação: Deleuze educador virtual, in LINS, Daniel; COSTA, Sylvio; VERAS, Alexandre. *Nietzsche e Deleuze: intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, 1988

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira (coord.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 2. Trad. Ana Lúcia de Oliveira (coord.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 3. Trad. Ana Lúcia de Oliveira (coord.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 4. Trad. Ana Lúcia de Oliveira (coord.). São Paulo: Ed. 34, 1997a

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 5. Trad. Ana Lúcia de Oliveira (coord.). São Paulo: Ed. 34, 1997b

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. Luiz Orlandi, São Paulo: Ed. 34, 1999

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Forte. São Paulo: Perspectiva, 2000

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Lins. São Paulo: Escuta, 2002

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

DELEUZE, Gilles. *A Imagem-tempo*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ESPINOSA, Baruch. *Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras*. Trad. Joaquim de Carvalho; Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões, São Paulo: Nova Cultural, 2004

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997

GEERTZ, C., *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, coleção Antropologia Social, dir. Gilberto Velho, 1989

GOETHE, J. W. *Werther*. Trad. Alberto Maximiliano. São Paulo: Nova Cultural, 2003

GORDIMER, Nadine. *A Arma da Casa*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Rolnik, São Paulo: Brasiliense, 1987

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: ed. 34, 1992

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000

HABERMAS, Jurgen. *Ciência e Técnica como Ideologia*. Lisboa: edições 70, 1968.

HARDT, Michael. *Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia*. Trad. Sueli Cavendish. São Paulo: ed. 35, 1996

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 2003

KOHN, Ruth. *A Pesquisa pelos Práticos: a implicação como modo de produção de conhecimento*. Trad. Jacques Gauthier, (mimeo).

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira, São Paulo: Cortez, 2004

LANDIM, Leilah. *A Invenção das ONG's: do serviço invisível à profissão impossível*. 1993. 239 f. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Trad. Semíramis Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Lisboa: edições 70, 1993

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Trad. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002

MACEDO, Roberto. *A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

MENEZES, Marcela. Acordar em Casa de Dona Laurita, *In SIRIBÃOCAPINHA*. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~nec/etnografia.html>, nov/2000. Acessado em: 28 de abril de 2006

MESTRE AMBRÓSIO. Mestre Ambrósio. Produtores: Lenine, Marcos Suzano e Denílson Campos. 2003. CD.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

NIETZSCHE, Friedrich. Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador. Trad. Noéli Sobrinho, in *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio; São Paulo: ed. Loyola, 2003

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

NISBET, Robert. Comunidades, in FORACCHI, Marialice; MARTINS, José Souza. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2000

OLIVEIRA, M. Batizado dos Minino de Caeté-Açu in *SIRIBÃOCAPINHA: um relatório etnográfico por entre a montanha e manguezal*. Pró-Reitoria de Extensão. Universidade Federal da Bahia, 2004.

ORTEGA, Francisco. *Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

PELBART, Peter Pál. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: ed. Iluminuras, 2003

PELBART, Peter Pál. *O Tempo Não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004

PINK FLOYD - THE WALL. Direção: Alan Parker. *Roteiro*: Roger Waters. Produção: Alan Marshall. Interpretes: Bob Geldof, Christine Hargreaves, James Laurenson, Eleanor David, Kevin McKeon, Bob Hoskins, David Bingham, Alex McAvoy, Marjorie Mason, Ellis Dale,

Robert Bridges, Ray Mort, James Hazeldine, Jenny Wright. Música: Robert Erzin e Pink Floyd. Direção de Fotografia: Peter Biziou. Desenho de Produção: Brian Morris. Figurino: Penny Rose. Edição: Gerry Hambling. 1 DVD (95 min.), widescreen, colorido. Produzido por Sony & BMG, 1982.

ROSA, Guimarães. *A Terceira Margem do Rio*, in *Primeiras Histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

SANTOS, Boaventura. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Ed. Cortez, 2002

SANTOS, Boaventura. *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Ed. Cortez, 2003

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SENNE, Wilson. *O Aprendizado das Vizinhanças: globalização, micropolítica e filosofia da diferença*. 2003. 311 f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador

SERPA, Felipe. *Rascunho Digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOLARIS. Direção: Andrei Tarkovski. Roteiro: Andrei Tarkovski, Fridrich Gorenchtein.. Fotografia: Vadim Yusov. Música: Eduard Artemev e o Prelúdio Coral em Fá Menor de Johann Sebastian Bach. Cenografia: Michail Romadin. Intérpretes: Donatas Banionis, Natalia Bondarchuk, Yuri Yarvet, Anatoli Yarvet, Anatoli Solonitsyn, Vladislav Dvorjecki, Sos Sarkisian Nicolai Grinko. 1 DVD (166 min.), widescreen, colorido. Produzido por Mosfilm. Baseado na novela homônima de Stanislaw Lem.

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o Conceito de Bildung (Formação Cultural). In: *Kriterion*. Belo Horizonte. n. 112, dez-2005, p. 191-198

TARKOVSKI, A. *Esculpir o Tempo*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

VELHO, Gilberto. O Desafio da Proximidade. In VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.